



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS DE REALEZA

CURSO DE QUÍMICA LICENCIATURA

ANA MARIA PESSETTE

**“AS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE ENTRE ALUNO E
PROFESSOR COMO POTENCIALIZADORA DO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DE QUÍMICA”**

REALEZA

2018

ANA MARIA PESSETTE

**“AS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE ENTRE ALUNO E
PROFESSOR COMO POTENCIALIZADORA DO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DE QUÍMICA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação apresentado como requisito para obtenção de Licenciado em Química da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza/PR.

Orientador Prof. Dr. Jackson Luís Martins Cacciamani

REALEZA

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pessette, Ana Maria
AS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE ENTRE ALUNO
E PROFESSOR COMO POTENCIALIZADORA DO PROCESSO DE ENSINO
E APRENDIZAGEM DE QUÍMICA / Ana Maria Pessette. -- 2018.
34 f.:il.

Orientador: Doutor Jackson Luís Martins Cacciamani.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Química-Licenciatura , Realeza, PR , 2018.

1. Relação aluno e professor no ensino de Química. 2.
Relação de afetividade no ambiente escolar. 3. Processo
de ensinar e de aprender Química. 4. Elementos
proporcionam afetividade no ambiente escolar. I.
Cacciamani, Jackson Luís Martins, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANA MARIA PESSETTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para obtenção do grau de LICENCIADA EM QUÍMICA na UFFS, campus Realeza/PR.

Orientador: *Prof. Dr. Jackson Luís Martins Cacciamani*

Este trabalho de TCC foi defendido e aprovado pela banca em *08 de dezembro de 2018*.

BANCA EXAMINADORA:

Jackson Cacciamani
Prof. Dr. Jackson Luís Martins Cacciamani (UFFS/Realeza/PR)

Flávia C. Bedin
Profa. Ma. Flávia Bedin Feitosa (UEM/Maringá/PR)

Mariane Inês Ohlweiler
Profa. Dra. Mariane Inês Ohlweiler (UFFS/Realeza/PR)

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo." (FREIRE, Paulo.)

Dedico este trabalho primeiramente a minha família, principalmente ao meu companheiro e marido Henrique e meu filho Pedro Henrique, aos meus pais e meu irmão, que não mediram esforços para me ajudar durante esta minha caminhada e que me incentivaram a todo momento, sempre com muito amor e compreensão.

Aos professores do curso que me proporcionaram tantos aprendizados, principalmente ao meu professor e orientador Jackson L. M. Cacciamani que colaborou não só na minha formação acadêmica, como também pessoal, por todos os ensinamentos, pela paciência, compreensão, pela amizade e pelo belo trabalho que desenvolvemos juntos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me proporcionado esta oportunidade e ter me dado forças para seguir este caminho.

Ao meu marido Henrique pela paciência, pelo incentivo, pelo apoio e por todo amor, carinho e por toda a dedicação que me proporcionou.

Ao meu filho Pedro Henrique, meu presente de Deus, principal motivo e incentivo nesta caminhada.

Aos meus amados pais, que sempre me apoiaram, incentivaram e que foram minha base e meu espelho sempre.

Aos meus sogros que me apoiaram durante todo este processo.

Ao meu irmão e minha cunhada por todo apoio, parceria, incentivo e carinho.

Aos meus colegas, em especial a Tatiane, Priscila e Raquel pelo companheirismo, o compartilhamento de saberes e o apoio.

A todo corpo docente da Universidade Federal da Fronteira Sul por todo conhecimento e aprendizado que me foi proporcionado.

Ao meu orientador Jackson, por toda a dedicação, paciência, ensinamentos, pelo acolhimento, o caráter humanizado e pela afetividade em todo o processo da minha formação profissional.

A todos(as) os envolvidos na minha vivência da graduação e que de alguma forma fizeram parte deste processo, minha eterna gratidão!

**AS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A AFETIVIDADE ENTRE
ALUNO-PROFESSOR COMO POTENCIALIZADORA DO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM DE QUÍMICA**

PESSETTE, Ana M.*; CACCIAMANI, Jackson L. M.

**THE PERSPECTIVES IN RELATION TO THE AFFECTIVENESS BETWEEN
STUDENT-TEACHER AS A POTENTIALIST OF THE CHEMISTRY TEACHING /
LEARNING PROCESS**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender as relações aluno/professor, tendo em vista que a afetividade é fundamental nos processos de ensinar e de aprender e para o desenvolvimento dos educandos em termos da dimensão humana, científica, histórica, estética, política e ética. Existe uma grande preocupação em torno do assunto na atualidade devido a forma dos processos educacionais e as condutas dos sujeitos. Diante do exposto, acredito que é relevante uma análise e estudo destas relações como fomento da potencialidade na transformação, bem como na formação do indivíduo. Pois, admitindo que em direção a uma boa relação entre os indivíduos que compõem o ambiente escolar, o processo de ensino e aprendizagem deve ser um trabalho coletivo, no qual o professor deve contemplar a realidade de cada aluno. Considerando-a em sua complexidade, a partir do conhecimento de seu contexto histórico, cultural e social, o que possibilita aproximar os conteúdos às vivências dos alunos. Diante disto, o objetivo dessa pesquisa foi compreender as relações entre aluno e professor bem como a importância da afetividade na interação entre professores e alunos no processo de ensinar e de aprender Química no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa, com abordagem qualitativa e de cunho documental baseada nas obras de Paulo Freire, especialmente, a “Pedagogia da Esperança”, bem como através das observações sucedidas no períodos dos Estágios Curriculares Supervisionados (ECS). E analisados através da técnica de análise textual discursiva. Pontuaram-se aspectos em relação a afetividade, que por efeito sejam promissores nos processos de ensinar e de aprender, potencializando a produção de conhecimentos e o caráter cognitivo dos alunos, bem como sendo transformador e formador do caráter éticos e moral. Com base na pesquisa desenvolvida, considera-se a importância do caráter afetivo nas relações sociais no ambiente escola, sendo este significativo e potencializador do processo de ensinar e de aprender.

Palavras chave: Relações aluno/professor; Processo ensino/aprendizagem; Afetividade.

Abstract: The objective of this study is to understand student / teacher relations, since affectivity is fundamental in the processes of teaching and learning and in the development of learners in terms of human, scientific, historical, aesthetic, political and ethical dimensions. There is a great deal of concern about the subject nowadays because of the direction in which the subject's education and conduct has been conducted. In view of the above, I believe that it is relevant to analyze and study these relationships as a promotion of potential in transformation, as well as in the formation of the individual. For, assuming that toward a good relationship between the individuals that make up the school environment, the teaching and learning process must be a collective work, in which the teacher must contemplate the reality of each student. Considering it in its complexity, from the knowledge of its historical, cultural and social context, which allows to approach the contents to the experiences of the students. The objective of this research was to understand the relationship between student and teacher as well as the importance of affectivity in the interaction between teachers and students in the process of teaching and learning chemistry in the school environment. It is a bibliography, with a qualitative and documentary approach based on the works of Paulo Freire, especially the "Pedagogy of Hope". The data were collected through a bibliographical review, as well as through the observations of the Supervised Curricular Stages (ECS). And analyzed through the technique of discursive textual analysis. Aspects related to affectivity, which are promising in the processes of teaching and learning, potentializing the production of knowledge and the cognitive character of the students, as well as being transformative and formative of ethical and moral character, were pointed out. For the development of the work, the literature was searched on the subject, episodes lived throughout the academic life and in the periods of the ECS.

Keywords: Student / teacher relations; Teaching / learning process; Affectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS (ECS) NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	15
4 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE PAULO FREIRE NA COMPREENSÃO DA NOSSA PROFISSÃO ENQUANTO DOCENTES	19
5 AS RELAÇÕES SOCIAIS DE AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	26
6 ELEMENTOS QUE CONSTITUEM A SALA DE AULA COM CARÁTER AFETIVO	30
7 CONCLUSÃO	31

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de graduação em Química Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR procura compreender as relações entre aluno e professor bem como a importância da afetividade na interação entre professores e alunos no processo de ensinar e de aprender Química no ambiente escolar. Isso sinaliza a interação dialógica acerca dos conteúdos abordados na sala de aula tanto da escola da Educação Básica quanto da Universidade, bem como a respeito da dimensão estética na nossa formação enquanto professores de Química.

Os motivos que me levaram a percorrer esse caminho em termos de pesquisa são embasados em minhas vivências enquanto aluna, nas experiências vivenciadas no período dos Estágios Curriculares Supervisionados (ECS) no ensino de Ciências, realizado no Ensino Fundamental e no ensino de Química, no Ensino Médio, ambos como estagiária docente e vivenciados em escolas públicas.

O período dos estágios foi extremamente significativo na busca de compreender o exercício da docência, assim como do sentimento de pertencimento, ao contexto escolar e à sala de aula. Diante dos vários momentos vivenciados no âmbito escolar, sendo estes como aluna e/ou estagiária docente, me deparei com inúmeras inquietudes que levaram a refletir quanto ao processo de ensino e aprendizagem. O fato que mais me envolveu e inquietou, foi a relação e interação do aluno com o professor, e do professor com o aluno, pois vários foram os momentos que este elemento se fez presente nas minhas experiências, tanto de forma negativa quanto de positiva.

Pensando nisso, busquei compreender e internalizar, como esta relação de afetividade pode ou não potencializar o processo de ensinar e de aprender, através das suas ausências bem como das suas presenças. Por acreditar que um caráter humanizado e a prática de uma boa relação social, baseada no respeito, na afetividade e na cumplicidade são aspectos capazes de transformar o indivíduo,

realizo este trabalho com o objetivo de compartilhar o meu conhecimento, as minhas vivências e experiências e os meus saberes.

A partir do momento que vivenciamos a docência em sala de aula, nos deparamos com o árduo exercício de associar os conhecimentos e aprendizados adquiridos ao longo de nossas vivências, experiências e principalmente os adquiridos no processo de graduação com a realidade do contexto escolar. Isso acontece, articulando a teoria à prática, ou seja, desempenhar a missão de mediar os conteúdos com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do processo de ensino e aprendizagem das nossas vidas, de modo que o aluno possa compreender o que pretendemos lhe explicar e desenvolver sua capacidade cognitiva.

Para exercer a docência é necessário que busquemos considerar as várias particularidades em relação ao aluno, como também ao ambiente e localidade em que a escola está inserida, alguns aspectos são a cultura, as condições sócio-econômicas, as vivências e a construção histórica e emocional de cada aluno e o seu meio. Com base nestes elementos por meio do diálogo e da aproximação, que por conseguinte estabelecem vínculos e uma boa relação entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Ao nos referirmos à profissão docente, é muito comum nos depararmos com o pensamento e discurso de que o papel do professor é ensinar, através da “transmissão” do conhecimento e de educar. É necessário repensar esta ideia, e fazer com que ela seja (re)construída e (re)significada, sendo que a prática docente não se restringe apenas a desempenhar estas funções.

Embora, o principal foco do professor seja o processo de ensinar e aprender, o exercício da docência abrange muito mais que isso, e perpassa por outras tantas funções. Pois, se tratando a sala de aula de um ambiente formado por um conjunto de indivíduos, portanto um trabalho com diversidade, sendo que cada um destes indivíduos possui uma história social, cultural e religiosa, bem como emoções, capacidades, sentimentos, entre outros sentidos que fazem parte do contexto e realidade de cada ser.

De acordo com Paulo Freire (2018) são indivíduos inconclusos, limitados, condicionados e históricos, ou seja, carregam uma bagagem repleta de saberes e particularidades. Portanto o exercício da docência exige do profissional o

desempenho de um trabalho coletivo, que possua um olhar atento, acolhedor e humanizado para cada indivíduo, assumindo por vezes a função de amigo, pai, mãe ou até mesmo psicólogo, no sentido do professor exercer um papel de escuta e de acolhimento.

Pensando nisso, torna-se importante compreender o contexto do ambiente escolar e principalmente da sala de aula, considerando todos os envolvidos no processo de ensinar e de aprender, não desmerecendo suas particularidades e estabelecendo neste processo um caráter humanizado, baseado nas boas relações e em uma postura ética e moral.

Diante disto, são apresentados alguns dos diversos autores que possuem uma inquietação e que se pronunciam sobre o tema em questão, como Paulo Freire e Lev Vygotsky, dentre outros.

Os autores em evidência, apontam suas considerações quanto às relações de afetividade entre professores e alunos e ao processo de ensinar e de aprender, com base em suas experiências em diferentes contextos ao longo de suas jornadas como pesquisadores.

À vista do contexto atual, as pesquisas realizadas neste trabalho fundamentam-se na obra “Pedagogia da Esperança” de Paulo Freire, por se tratar de uma obra atemporal que se adequa perfeitamente ao contexto atual da nossa sociedade e da realidade escolar que estamos vivenciando. Esta, pautada numa educação que em muitos casos não permite ao indivíduo a liberdade de expressão, a prática da argumentação, da criticidade, bem como não busca aproximar os conteúdos abordados nas diversas áreas de ensino com a realidade e com o dia a dia do aluno, deixando de promover o incentivo e o estímulo, ocasionando por vezes a evasão escolar.

Em vista disso, busca-se através dos relatos de experiência e das vivências, assim como a partir de um embasamento teórico que possui uma abordagem em relação a afetividades, investigar e compreender as relações sociais estabelecidas no âmbito escolar, ponderando de que formas e os motivos que justificam a relação de afetividade como potencializadora no processo de ensinar e de aprender.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

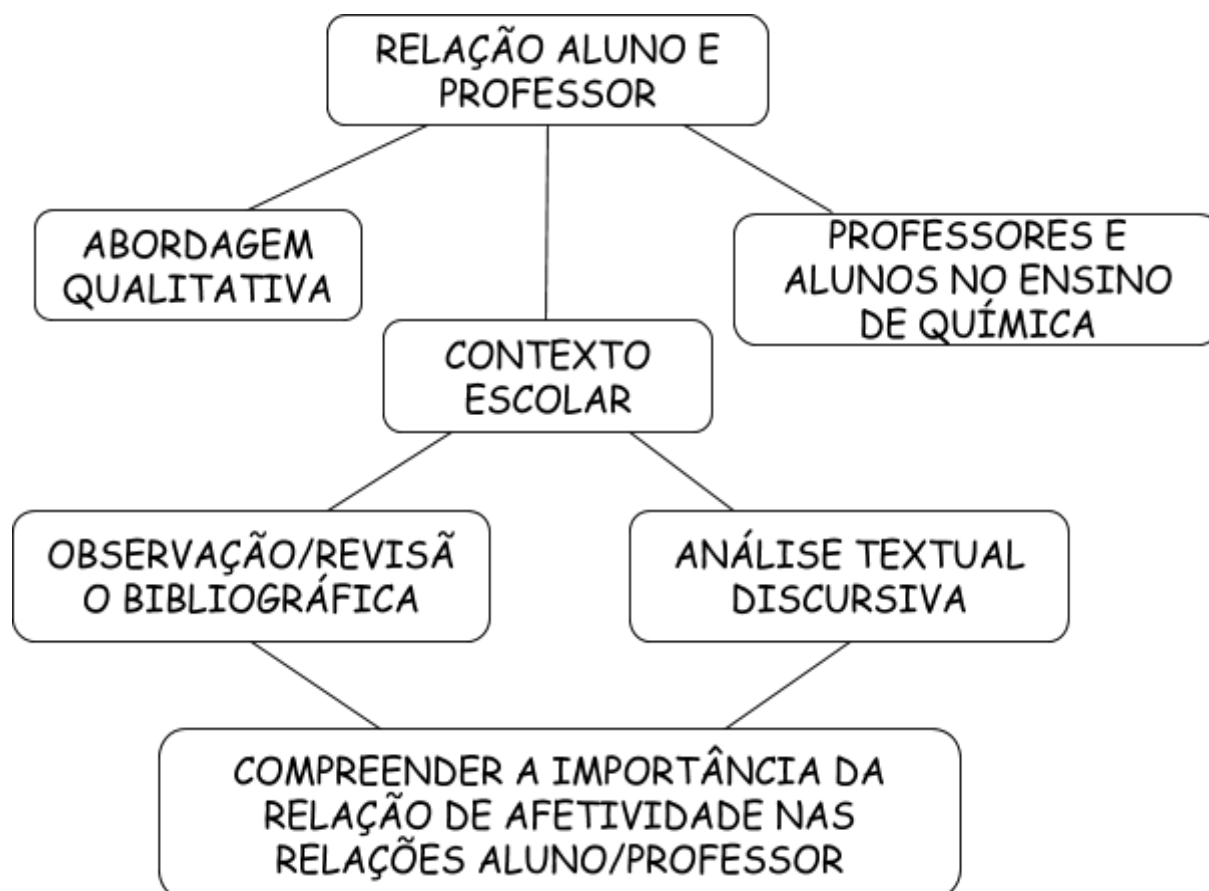
O presente trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho documental, que tem por base a obra de Paulo Freire, especialmente, a “Pedagogia da Esperança” no intuito de compreender a interação entre professores e alunos na escola da Educação Básica bem como na Universidade acerca da afetividade e sua contribuição no processo de ensinar e de aprender na Educação Química em ambos os contextos. Os sujeitos analisados neste processo são os profissionais docentes e os alunos, essencialmente no ensino de Química, no cenário e contexto escolar.

Diante disso, os dados foram coletados por meio de revisão bibliográfica, com base nas literaturas que possuem uma abordagem quanto ao tema em questão, bem como através das observações sucedidas no período dos estágios. E, da obra de Freire foi analisada pela técnica de Análise Textual Discursiva (ATD), metodologia proposta por Moraes e Galiazzi (2007).

[..] é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado e tornando-se mais do que um conjunto de procedimentos definidos. Dessa maneira, constitui-se em metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução (MORAES & GALIAZZI, 2006, p. 114).

Neste processo construímos unidades de significado ou de sentido teóricas a partir da obra investigada. Fundamentado nas unidades de significados e sentidos, é que foi constituído o trabalho, pontuando as abordagens consideradas mais relevantes para compreensão e reflexão quanto a relação do aluno e do professor como fonte potencializadora do processo de ensinar e de aprender. Além disso, foram consideradas as experiências vivenciadas ao longo de toda vida acadêmica com considerações enquanto aluno bem como enquanto profissional docente.

Figura 1. Fluxograma referente aos passos percorridos no desenvolvimento da pesquisa.



Na sequência são apresentadas as observações e reflexões diante dos episódios vivenciados no processo dos ECS, bem como a revisão bibliográfica referente ao tema e a análise de dados realizada por meio da análise textual discursiva, das quais emergiram as seguintes categorias:

- A relevância do processo de estágios na construção da identidade docente;
- A importância da profissão docente;
- As relações sociais e de afetividade no contexto escolar;
- Elementos que constituem uma sala de aula com caráter afetivo

3 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS (ECS) NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Os Estágios Curriculares Supervisionados (ECS) são a oportunidade de desempenharmos o exercício docente, tendo em vista que este momento da graduação, pode ou não nos proporcionar o sentimento de pertencimento a esta profissão.

Neste episódio cabe ao estagiário desenvolver planejamentos, de acordo com o que considera relevante no processo de ensinar e de aprender, feito de forma coletiva, juntamente com o professor regente e com o professor orientador, congruente ao currículo escolar.

O período dos estágios possibilita uma reflexão crítica quanto à prática docente, com base na relação com os alunos e com os demais indivíduos que fazem parte do ambiente escolar. Em relação à mediação, cabe ao estagiário encontrar uma metodologia por meio da pesquisa, com a qual se identifique.

Minha experiência do ECS em Ciências, em uma turma do sétimo ano, rendeu boas reflexões, por se constituir de indivíduos que estavam passando por uma transição em seu desenvolvimento. Não foi fácil manter o equilíbrio e promover um envolvimento de todos com as atividades propostas, este fato se deu, em especial, devido a inquietude e euforia dos alunos, sensações que fazem parte desta faixa etária.

Chamou-me a atenção a atitude adotada pela escola em relação ao comportamento e ao baixo rendimento, que eram características presente em todas as três turmas de sétimo ano. Na tentativa de provocar mudanças no caráter psíquico dos alunos, os professores registravam em um caderno os nomes e as atitudes de indisciplina, o qual ao final do semestre era analisado por toda a equipe pedagógica.

Após a realização desta análise, cabia ao pedagogo convocar o aluno para um primeiro diálogo, no intuito de compreender os motivos da insatisfação com as aulas e com o professor, do mau comportamento e do baixo rendimento escolar e produzir mudanças de tais comportamentos. Passadas algumas semanas, o

pedagogo retornava a dialogar com o aluno, em determinadas situações, com a convocação e presença dos pais. Considerei esta atitude da equipe pedagógica da escola de extrema importância, pois ao invés de simplesmente julgar com antecedência o aluno, foram buscadas as reais fontes do “problema”.

[...] A lógica do modelo tradicional de avaliação: o professor ensina e avalia, se o aluno for bem, é sinal que o professor ensinou de forma adequada, se o aluno for mal, é o único responsabilizado, podendo ser reprovado ou excluído. Nessa perspectiva, ensino e aprendizagem são entendidos como processos independentes e desvinculados: o ensino é tarefa do professor; a aprendizagem é obrigação do aluno. (LEITE, 2011, p. 38)

Contudo, presenciei momentos em que os professores julgavam os alunos como inaptos, incompetentes, entre outras referências grosseiras, fatos que me deixaram imensamente descontente.

Além destes, houve muitos outros episódios que marcaram minha experiência. Em um dado momento, como atividade avaliativa, propus um trabalho, o qual recolhi no final da aula, chegando em casa ao revirar os trabalhos, havia um bilhete com linguagem vulgar, destinado a mim. Diante desta situação fiquei sem saber que atitude tomar, portanto, resolvi conversar a respeito com a professora regente, que me orientou a procurar o responsável por tal atitude. Com base na escrita, procurei por semelhanças na caligrafia, e encontrei um possível autor do bilhete. Na aula seguinte, chamei o aluno para conversar, falei sobre o bilhete, e a respeito da semelhança de sua escrita com o tal, mantendo porém um diálogo cauteloso e não ofensivo. Pedi se o bilhete era de sua autoria ou se o mesmo sabia quem foi o responsável por tal atitude, e de imediato fui insultada em meio a toda a turma, me senti extremamente infeliz diante da situação ocorrida. Busquei dialogar com o mesmo, explicando a situação, sem obter sucesso. No dia seguinte o aluno me procurou, pedindo desculpas por sua postura, e eu aceitei, assim como busquei dialogar com o mesmo sobre minha atitude de ter acometido o episódio a ele, e a atitude dele de ter sido explosivo comigo. Hoje, ele ainda mantém contato comigo, e isso me fez perceber que o acontecido, proporcionou reflexões e aprendizados tanto para mim como para ele.

Outro episódio marcante, tratou-se do relato sobre uma aluna vinda do Paraguai por transferência. Percebi que a mesma tinha dificuldade no entrosamento

com os demais colegas, sendo que estava sempre sozinha e mal levantava a cabeça para olhar ao redor, fato que me tocou. No dia da avaliação, esta mesma aluna, me entregou a prova aos prantos, diante do acontecido a chamei para conversar sobre, a mesma me relatou que tinha dificuldade em entender, falar e escrever o Português, e se sentiu desmotivada e incapaz perante a avaliação. Nesse sentido, busquei dialogar com ela a respeito de sua adaptação e de sua capacidade, o que foi satisfatório, pois consegui arrancar um olhar aliviado dela e por conseguinte a mesma passou a criar vínculos e procurar o auxílio do professor.

Perante estes acontecimentos, concordo com Leite (2011, p.42), em relação ao ato de ensinar:

O ato de ensinar envolve grande cumplicidade do professor a partir do planejamento das decisões de ensino assumidas; mas tal cumplicidade também se constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno.

No ECS em Química não foi diferente, marcado por diversas presenças e situações que foram cruciais para minha formação docente.

Devido à dificuldade relacionada ao componente curricular de Química, junto de minha colega de estágio, propomos a mediação de um conteúdo específico do terceiro ano, através de instrumentos pedagógicos diferenciados. A proposta foi assistir a um filme que possuía uma abordagem pertinente ao conteúdo a ser trabalhado. Assistimos o filme juntamente com toda a turma, após este momento, solicitamos que os alunos elencassem cenas do filme que acreditavam ter relação com os conteúdos de Química, e assim o fizeram. Após esta dinâmica, é que foram introduzidos os conteúdos, atribuindo assim significados ao conhecimento mediado.

Além do filme, realizamos uma aula prática, que na falta de um laboratório devidamente apropriado, foi adequada ao ambiente da sala de aula, com o uso de materiais acessíveis e que não atribuíam risco aos alunos. Por fim assistimos a outro filme, este com um caráter social e pedagógico, que expunha questões raciais, de preconceito, respeito, afetividade e resiliência. O intuito deste segundo filme, era fechar com chave de ouro o processo vivenciado naquele ambiente escolar e com aquelas pessoas, que nos proporcionaram diversos aprendizados, bem como

promover nos alunos a sensibilidade, o amor ao próximo e uma postura ética e social baseada em características humanizadas. Freire (2018, p. 270-71) destaca:

O que jamais defendi foi uma alfabetização neutra, um puro ba-be-bi-bo-bu, que, ainda partisse da linguagem dos educadores e das educadoras e não da dos educandos.

Na graduação também houveram acontecimentos que me levaram a reconstruir alguns princípios. Um fato, ocorreu, no primeiro semestre da minha vida acadêmica, quando uma colega ao apresentar um trabalho, foi criticada pela professora, quanto a sua pronúncia do “R”, o uso do R fraco em suas falas, característica regional do local onde a menina residia. A professora julgou a pronúncia como incorreta, desrespeitando o contexto histórico e cultural da aluna, atitude a qual considerei inoportuna.

É preciso reenfatar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade, política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças. (FREIRE, 2018, p. 216)

Relato aqui apenas alguns dos tantos momentos que me foram oportunizados nos ECS's, em que constitui parte de minha formação e identidade docente, formei vínculos afetivos com os alunos, professores e demais envolvidos neste processo, além de todo o compartilhamento de saberes e conhecimentos que me foram concebidos.

Perante a todos estes episódios, compartilho minha reflexão enquanto docente, quanto ao olhar atento ao aluno, a relação de cumplicidade, afetividade, aceitação, assim como ao respeito ao tempo de aprendizagem de cada um e a sua historicidade, orientação sexual, raça, classe social e ideologias. Enfatizo assim a importância de uma boa relação no ambiente escolar, e defendo o caráter social como potencializador do processo de ensinar e de aprender.

4 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE FREIRE NA COMPREENSÃO DA NOSSA PROFISSÃO ENQUANTO DOCENTES

Historicamente, o processo de ensinar e de aprender na Educação brasileira tem sido foco de investigação em diversas áreas do conhecimento. Isso tanto na escola da Educação Básica quanto na Universidade tem proporcionado a (re)construção e (re)significação de teorias e paradigmas acerca da nossa constituição enquanto professores. A obra de Paulo Freire, por sua vez, é um marco pedagógico na Educação na América Latina e outros países do mundo.

Objetivando compreender a interação entre professores e alunos na sala de aula de Química, ou seja, se as relações de afetividade que ocorrem por consequência potencializam os processos de aprender e de ensinar, buscamos analisar a obra “Pedagogia da Esperança”, visto que produz sentidos e reflexões quanto ao cenário educacional.

Paulo Freire busca em suas obras, principalmente na “Pedagogia da esperança” proporcionar ao leitor uma visão mais ampla e o entendimento em relação a Educação em nosso país bem como em outros países pelos quais perpassou e teve contato com diversos profissionais da área da educação e estudantes. Em sua obra, o autor pontua episódios que foram marcantes em suas experiências e vivências pelos lugares que passou, sendo que cada um compreendia suas características culturais, religiosas, regionais, políticas e econômicas. Além disso, o autor traz em sua obra os aspectos relevantes que acredita serem relevantes para a percepção do saber docente e suas atribuições. A leitura nos indaga a questionarmos como as ausências e as presenças no contexto escolar contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, em que o autor conduz suas reflexões, nos fazendo refletir quanto a nossa educação, nos diversos contextos e localidades, no intuito de encontrar métodos e estratégias que possam potencializar este processo.

A disciplina ou componente curricular de Química segundo os alunos, é uma das mais complexas dentre todas as que fazem parte do currículo escolar do Ensino Médio como da graduação. Pensando nisso, no exercício da docência tem-se o

desafio de empenhar-se na pesquisa por métodos e linguagem que sejam facilitadores no processo de ensinar e de aprender Química. Quanto a profissão docente, Freire (2018, p.262) acredita que:

[...] toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa em cujo andamento necessariamente não se aprenda porque se conhece e não se ensine porque se aprende.

Considerando a minha vivência como aluna no nível médio, creio que um dos principais fatores que me levaram a sentir amorosidade (FREIRE, 2018), pela disciplina, foram os professores que perpassaram os momentos da minha vida como estudante. Sendo que todos os professores foram de suma importância para minha formação, principalmente devido às relações de afetividade que foram estabelecidas, tal como os métodos de ensino sucedidos, me proporcionando um ensino e aprendizado produtor de sentidos e significados em vários momentos.

Hoje, como futura profissional docente e diante das experiências que me foram oportunizadas no período do estágio, percebo que de fato o componente curricular de Química exige do professor a prática da mediação do conteúdo de uma forma mais facilitada, para que haja a compreensão e entendimento por parte do aluno.

Para que isso aconteça deve-se considerar os diversos fatores que permeiam uma sala de aula e um processos de ensinar e de aprender, baseado nestes fatores, que vão muito além do processo formal no qual se aplicam métodos, são traçados os objetivos que no final podem ser comprovados por meio da avaliação, e que podem promover a desmotivação do aluno.

[..] aluno como sendo alguém subalterno, tendente a ignorante, que comparece para escutar, tomar nota, engolir ensinamentos, fazer provas e passar de ano.” (DEMO, 1997, p. 15). “[...] aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que só se define socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida. (DEMO,1997, p. 7).

Neste caso, o autor faz ironia ao sistema de educação dado de tal forma, sugerindo que a escola além de se dizer um ambiente democrático e social, deve desempenhar seu papel como tal. Proporcionando ao aluno a produção de

significados em relação ao que está aprendendo, sendo sujeito ativo no processo de ensino aprendido. Considerando o nosso atual momento, diante de tantas tecnologias e inovações, as quais permitem um fácil acesso a diversas informações, conteúdos e outras tantas fontes de conhecimento, é possível que o professor desenvolva atividades e métodos que façam uso deste artifício como facilitador e incentivador da aprendizagem, além de promover o exercício da pesquisa, pois:

[...] persiste a tendência de ver o estudante apenas como mais um entre os que estão na sala de aula; um sujeito isento, neutro, que reproduz de forma passiva o que lhe é apresentado para ser estudado. Em nosso campo de estudos permanece a visão de um ensino de Química escolar não contextualizado e pretensamente neutro como ato pedagógico que é (político por sua natureza). Pouco se discute sobre as relações do ensino de Química com situações socioculturais dos estudantes; sobre diferentes objetivos atribuídos pelos diversificados grupos sociais à escola, por exemplo, pelas classes populares ou pelas elites da sociedade; sobre relações entre os objetivos atribuídos e necessidades, limites ou potencialidades educativas associadas a valores culturais inerentes a cada contexto histórico e social. (MALDANNER, O; SANTOS, L., 2010, p. 104-105)

Enquanto professores, devemos instigar o aluno a ter amorosidade (termo proposto por Freire) pelo conteúdo, lhe evidenciando a importância de se estudar a Química, bem como todas as demais disciplinas, que podem ser articuladas umas com as outras, promovendo um trabalho interdisciplinar e multidisciplinar.

Paulo Freire, educador brasileiro com reconhecimento internacional, possui um olhar acolhedor, humanizado e atento em relação ao processo de ensinar e de aprender, que preocupa-se com a compreensão do mundo pelo educando e em como o mesmo pode intervir nele e transformá-lo, assim como no rumo que a Educação no Brasil tem tomado ao longo dos anos, pois foi e ainda é em alguns casos, muito presente a ideia de que o professor tem como principal exercício e objetivo transferir o conhecimento adquirido para os alunos, sendo o aluno neste caso um sujeito passivo, contudo, esta ideia é extremamente errônea.

A tarefa de educadora ou do educador seria demasiado fácil se se reduzisse ao ensino de conteúdos que nem sequer precisariam de ser tratados assepticamente e assepticamente “transmitidos” aos educandos, porque, enquanto conteúdos de uma ciência neutra, já eram em si assépticos. O educador neste caso não tinha por que, ao menos, se preocupar ou se esforçar por ser decente ético, a não ser quanto à sua capacitação. Sujeito de uma prática neutra, não tinha outra coisa a

fazer senão “transferir conhecimento” também neutro (FREIRE, 2018, p. 108).

Acredito, assim como Freire, que considerar os saberes já adquiridos pelo aluno ao longo de suas vivências é fundamental, pois a tarefa do professor além de mediar os conteúdos obrigatórios é de resgatar esses saberes pré-estabelecidos, para que o aluno se sinta pertencente ao ambiente de sala de aula. Promovendo através deste elemento a interação do aluno com o professor e com os colegas, por meio do compartilhamento dos seus conhecimentos prévios ou mesmo de suas percepções e proposições sobre o mundo e os assuntos e conteúdos abordados e dialogados em sala de aula, para que a partir disso, sejam (re)construídos e (re)significados seus conhecimentos, por meio da mediação do professor e dos demais métodos e materiais didáticos utilizados no processo de ensinar e de aprender.

É válido dizer que a sala de aula deve ser um ambiente agradável, onde devem haver momentos de silêncio, permitindo a concentração do professor para ministrar os conteúdos sem ser interrompido ou distraído, bem como para a concentração e aprendizado do aluno. Contudo, momentos de conversa e interação também são necessários, para que a aula seja envolvente e estimulante, não sendo vista como um momento repetitivo e tedioso. Pensando nisso, temos de considerar que o professor deve manter um equilíbrio, exercendo autoridade nos momentos que exigem do aluno e do professor uma postura mais íntegra e diligente, e descontraído nos momentos de interação e diálogo em rodas de conversa, transformando deste modo, a sala de aula em um ambiente harmonioso, onde o processo de ensino e aprendizagem é estimulante e o professor além de mediador, seja incentivador de todo este processo, gerando um vínculo de respeito e afetividade com os alunos.

Diante deste contexto Freire (2018, p.113) considera que:

Ensinar é assim a forma que toma o ato de conhecimento que o(a) professor(a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender.

Em sua obra *Pedagogia da Esperança*, o autor traz diversas de suas experiências como educador, onde aborda diferentes regiões, contextos, culturas, entre outros aspectos históricos e sociais com os quais o mesmo já se deparou, e trabalhou durante sua carreira. Seus relatos trazem diversas situações baseadas em suas experiências com os alunos e com colegas educadores, que o levaram, bem como nos leva, a refletir quanto ao posicionamento e comportamento do profissional docente.

Assim “A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo.” (FREIRE, 2018, p. 119). Pois, com base em suas vivências, o autor discute sobre episódios em sala de aula em diferentes contextos, como o mesmo relata em sua obra, cada região e cada cultura pela qual passou possuíam sua identidade, seus saberes, histórias e limitações, tais aspectos que exigem do professor um olhar atento e acolhedor, dando oportunidade ao aluno de compartilhar seus conhecimentos, mostrando que o professor assim como ele tem suas limitações e não é um conhecedor e dominante de todas as áreas e de todo o conhecimento.

Portanto é fundamental que como professores, busquemos compreender e considerar a realidade de cada aluno, assim estimulando e incentivando as suas capacidades cognitivas. Neste sentido, Paulo Freire propõe uma educação que se atente ao contexto histórico-social dos alunos.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos conjuros (FREIRE, 2018, p. 118).

O referido autor, faz uma crítica ao sistema de ensino baseado somente na mediação dos conteúdos e que desconsidera a historicidade do aluno. Diante deste fato, como profissional docente, acredito que devemos buscar compreender o aluno em toda sua complexidade.

No decorrer de minhas vivências como aluna e como docente, presenciei, em diversas ocasiões situações em que o aluno não demonstrava interesse pelas aulas, e diante destas circunstâncias me deparei com professores que julgavam este comportamento como sendo preguiça e o aluno como inapto.

Foram estes, alguns dos episódios que me levaram a refletir sobre o papel do professor e perceber que este tipo de julgamento é imensamente equivocado. Passei então a me questionar, o que realmente consideramos um bom aluno, um questionamento que todos enquanto docentes devíamos fazer. De forma quase generalizada, nos deparamos com o discurso de que um bom aluno é aquele que tem um bom comportamento, um bom rendimento e um bom desempenho, mas diante desse discurso tive um momento de reflexão e percebi que não se trata apenas destas referências. De acordo com suas pesquisas em relação ao assunto, Lima e Machado (2012), relatam que as definições mais evidentes elencadas pelos professores entrevistados, foram as de que um bom aluno apresenta características como curioso, participativo, questionador e principalmente interessado, porém este é o perfil de aluno que considera-se bom em alguns casos,

Portanto, o ponto de vista do professor em relação à ideia do bom aluno tem sido modificada ao longo dos anos. Além disso, cabe salientar que por trás de um aluno desinteressado e desmotivado, existe um indivíduo que necessita de atenção, de estímulo e que possui capacidade de aprender e de ensinar. E no papel de mediadores, precisamos buscar entender a origem desta falta de interesse, e isto se dá através da aproximação, do diálogo e principalmente da compreensão, no intuito de refrear o fracasso escolar.

Além de Freire, Lev Vigotsky segue esta mesma linha de pensamento, atentando-se às relações de afetividade no contexto escolar. Lev, assim como Freire buscou compreender e interpretar as relações sociais entre os indivíduos, acreditando que as relações estabelecidas entre alunos e professores são cruciais no processo de ensino e aprendizagem.

Para melhor explicitar a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, Vigotsky criou o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”. [...] esse conceito compreende os aspectos centrais da sua teoria; foi por meio dele que o autor demonstrou como um processo interpessoal (social) se transforma num processo

intrapessoal (psíquico). Ao descrever essa passagem do social para o individual, ele destacou a importância da experiência partilhada, da comunhão de situações, do diálogo e da colaboração, concebendo, desse modo, o aprendizado como um processo de troca e, portanto, um processo social (PALANGNA, 2015, p. 158).

Ainda sobre as relações sociais no ambiente escolar, Vigotsky acredita na relação e interação dos alunos com os professores, sendo que o professor assume um papel de referencial para os alunos devido às suas experiências e conhecimentos, são responsáveis pelo desenvolvimento da atividade cognitiva do aluno, ou seja, pelo desenvolvimento da sua capacidade intelectual, o qual é associado ao caráter afetivo conduzido pelo professor. Portanto, podemos constatar que relação de afetividade e os processos de ensino e de aprendizagem são elementos que andam juntos, e que se juntos, têm grande probabilidade de potencializar o processo educativo.

De acordo com Pino (1997 apud LEITE, 2011, p.19), “são as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.”

Portanto, as relações sociais são estabelecidas desde o nosso nascimento, sendo o primeiro contato afetivo e as relações de afetividade, vivenciadas com os pais, esta, que é umas das determinantes do desenvolvimento e da formação do indivíduo como ser social, bem como de parte da personalidade, da ética e da moral, que podem ser transformadas ou não de acordo com o seu desenvolvimento psíquico e cognitivo. Pensando nisso, é importante salientar, que as relações do professor com o aluno, assim como a do aluno com o professor, tem base na relação familiar e em sociedade, sendo que as relações e os vínculos que consolidamos com nossos pais, são reflexos nas demais relações.

A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas as estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados. (FREIRE, 2003, p. 126)

Com embasamento nestes aspectos que compõem a prática docente, creio que esta prática é belíssima, visto que é formadora e transformadora, bem como proporciona saberes de extrema significância na vida de todos os indivíduos.

5 AS RELAÇÕES SOCIAIS DE AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo Leite (2011, p. 20) “no início de nossa vida, as emoções têm a função de garantir as necessidades básicas, mas vão se transformando em movimentos expressivos em função das pessoas e do meio social.”

Estes movimentos expressivos tratam-se da linguagem, por meio da fala, da escrita e da leitura, bem como de todas as outras formas de expressão e de comunicação exercidas pelo indivíduo. Tais fatores são desenvolvidos e estruturados por meio das relações, vivências e experiências em sociedade, de acordo com a cultura, a religiosidade, a localidade, entre outros aspectos que são elementares para a produção do conhecimento e o avanço do caráter cognitivo.

De acordo com Vigotsky (1993) o indivíduo não é um sujeito passivo, receptor de conhecimentos, mas sim um ser atuante na sociedade, ativo e interativo, que através das relações sociais e culturais passa a atribuir sentidos e significados que são internalizados. No entanto para que o indivíduo desenvolva essas capacidades, o convívio e a relação com outros indivíduos são indispensáveis, pois as relações com o meio e com a sociedade são parte da construção do seu caráter ético, social, cultural, religioso, político, moral, entre outros.

A afetividade constitui-se como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os demais objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. É possível, assim, afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, e não apenas nas suas relações *tête-à-tête* com o aluno (LEITE, 2011, p. 24).

Atualmente o processo de ensinar e de aprender não se restringe apenas à transmissão de conhecimentos, ou seja, o aluno visto como um sujeito passivo e o professor como ser autoritário e dotado de todo o conhecimento. Isso porque

resgata um elemento que sempre esteve presente na sociedade e que faz parte da formação, desenvolvimento e transformação do indivíduo, que são as relações do mesmo com o meio no qual está inserido e com os demais indivíduos da sociedade. Por ser um ambiente onde existe um trabalho coletivo, onde há compartilhamento de ideias, conhecimentos, histórias e saberes, a sala de aula necessita que as relações sociais e de afetividade sejam vivenciadas.

As condições de ensino, incluindo a relação professor-aluno, devem ser pensadas e desenvolvidas levando-se em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não podemos mais restringir a dimensão cognitiva, dado que a afetividade também é parte integrante do processo (LEITE, 2011, p.33).

No decorrer das nossas vidas, criamos vínculos afetivos baseados na cumplicidade, na afinidade, na confiança e no respeito, e sempre existem aquelas pessoas que mais se destacam por estes elementos, as quais gostamos de ter por perto e que marcam nossas vidas de alguma forma.

Na escola não é diferente, pois esses aspectos são muito presentes nas relações estabelecidas entre professores e alunos, e alunos e alunos. Como alunos, por vezes cruzamos com professores os quais consideramos inesquecíveis, por terem nos propiciado todas estas sensações que trouxeram e trazem sentidos e significados ao nosso processo de ensino e aprendizagem e às nossas vidas, ou seja, tanto na formação e transformação profissional como na pessoal.

Uma das implicações marcadamente afetivas, relacionada à questão, refere-se à escolha de objetivos não-relevantes para determinada população, principalmente nos casos em que o aluno é obrigado a envolver-se com temas que, aparentemente, não tem relação alguma com a sua vida ou com as práticas sociais do ambiente em que vive. [...] Uma escola voltada para a vida implica objetivos e conteúdos relevantes, tomando-se como referência o exercício da cidadania, o que aumenta a chance de se estabelecerem vínculos afetivos entre o sujeito e os objetos (LEITE, 2011, p. 35).

De acordo com o autor a afetividade trata-se também das metodologias adotadas e da relação que o professor estabelece entre o conteúdo proposto com a realidade e contexto do aluno, a partir de exercícios, atividades e pesquisas que permitem uma maior aproximação do sujeito (aluno) com o objeto (conteúdo),

proporcionando ao aluno um ensino e aprendizado mais significativo e produtor de sentidos, a reflexão quanto ao contexto de sua realidade, bem como maior incentivo e estímulo, por aproximar os conteúdos à sua realidade.

Saliento aqui a importância de uma mediação de conteúdos articulada às vivências e experiências do dia-a-dia dos alunos, promovendo a problematização e a solução para eventuais situações com as quais os mesmos se deparam.

[...] iniciar o ensino desvinculado do conhecimento do aluno aumenta as chances do insucesso ocorrer logo no início do processo, deteriorando prematuramente as possibilidades de se estabelecer uma relação afetivamente saudável entre o sujeito e o objeto do conhecimento (LEITE, 2011, p.36).

A proposta de um ensino baseado nos conhecimentos prévios do aluno, torna a sala de aula um espaço de trabalho coletivo, onde está presente o exercício do compartilhamento de ideias e conhecimentos, sejam eles científicos ou com base no senso comum, tanto entre alunos, como entre professor e aluno, o que possibilita ao educando maior liberdade de expressão, desenvolvimento da criticidade e da argumentação assim como o sentimento de pertencimento. Diante deste contexto, “uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-lo ensinam.” (FREIRE, 2018, p. 154), ou seja, é um processo em que ambos são aprendizes e dotados de conhecimentos.

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas (FREIRE, 2018, p. 151).

No exercício da docência, o professor é para o aluno um referencial, no qual o aluno por vezes se espelha, adere seus comportamentos, suas ideias, pensamentos, ética e moral. Portanto, é indispensável que no processo de formação do docente, estes aspectos sejam trabalhados e exercidos pelo profissional de forma coerente e condizente, de modo que a postura do professor em sala de aula seja de um profissional ético e correto, que provoque no aluno a mesma postura.

Embora o professor seja o mediador dos conhecimentos e dos conteúdos, não cabe a ele impor aos alunos que pensem, e que tenham a mesma posição política, social e cultural que ele, pois o aluno deve ter a liberdade de pensamento e de opinião.

Outros pontos pertinentes na problematização das relações de afetividade no contexto escolar são as questões raciais, de gênero e socioeconômicas, que são vivenciadas no ambiente escolar e podem ser objeto de discriminação, lamentavelmente.

Por se tratar de um ambiente onde existe um conjunto de indivíduos, a escola é um dos locais no qual nos encontramos com a diversidade, pelo fato de que os sujeitos são singulares, ou seja, cada um possui sua história de vida, raça, opção sexual, religião, cultura, afinidades, escolhas, ideologias, entre tantas outras particularidades.

Em minhas memórias, guardo um acontecimento que me foi muito marcante, e que teve como protagonistas dois indivíduos pelos quais tinha grande apreço. Durante uma aula, um colega negro, insatisfeito com o ensino da professora a questionou, no momento de fúria a professora o rebateu o chamando de macaco, isso mesmo, macaco!

Estava no primeiro ano do Ensino Médio, a tal professora era uma das quais eu tinha muita admiração e carinho até então, pois este fato fez com que eu me perdesse o encanto por ela. E naquele momento, eu enquanto aluna, me senti impossibilitada de promover uma discussão em relação ao comportamento grotesco e preconceituoso que a professora, detentora da autoridade, manifestou.

Este relato é no intuito de alertar o quanto o aluno deposita de sentimentos ao professor e o quanto isso pode se desfazer de repente. Bem como, o quanto as palavras e ações podem trazer efeitos positivos ou negativos no educando.

Diante do que foi pesquisado e estudado ao longo do trabalho, elencaram-se aspectos considerados importantes para uma boa relação de afetividade no contexto escolar, com base nas leituras das obras pertinentes ao tema bem como nas experiências vivenciadas.

Figura 2. Mapa conceitual referente aos elementos que compõem uma sala de aula com caráter afetivos.



Fonte: Próprio autor.

7 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho, permitiu compreender com maior especificidade e intensidade as relações de afetividade entre aluno e professor no ambiente escolar em diferentes contextos.

As memórias e relatos referentes às vivências e experiências, proporcionaram uma intensa reflexão quanto ao processo de ensinar e de aprender, bem como aos fatores e elementos que devem ser considerados no exercício da profissão docente e nas relações estabelecidas no ambiente escolar.

Diante da importância do tema abordado, saliento o fato de que enquanto professores devemos buscar exercer o nosso papel baseado no respeito, afetividade, cumplicidade, resiliência, tolerância, paciência e engajamento, de modo que possamos criar vínculos com os nossos alunos, promovendo um processo de

ensinar e de aprender mais significativo, produtor de sentidos e promissor, dando importância ao contexto e historicidade de cada aluno, permitindo maior proximidade entre os conteúdos abordados com a realidade dos mesmos, de modo que a sala de aula se torne um ambiente mais acolhedor e democrático.

Neste sentido, conclui-se que de fato as relações de afetividade possuem a capacidade de formar e transformar o sujeito, assim como de potencializar o processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo o caráter ético, moral e cognitivo do aluno no ensino de Química, além dos demais componentes curriculares.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

ECKERT, Mauricia R. da Silva; OLIVEIRA, Adil A. A. **As relações afetivas como dimensão interdependente das formações cognitivas em sala de aula: um olhar a partir de uma turma de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental**. Revista Eventos Pedagógicos. v.5, n.2,11. ed., número regular, p. 251 - 260, jun./jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 24 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

LEITE, Sérgio A. S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1 reimp. da 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIMA, José Ossian Gadelha de. **Perspectivas de novas metodologias no Ensino de Química**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, n. 136, p.95-101, set. 2012. Mensal.

LIMA, A. M.; MACHADO, L. B.. **Um estudo sobre o "bom aluno" na perspectiva das representações sociais**. EccoS Revista Científica, núm. 28, maio-agosto, 2012, pp. 171-189 Universidade Nove de Julho São Paulo, Brasil

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**. Ciências & Educação, Bauru, vol. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006.

OLIVEIRA, Maria da Conceição; KORBES, Lenita M. **Relação professor-aluno no processo de aprendizagem**. Revista Eventos Pedagógicos. v. 2, n. 1, 2. ed. rev. e aum., p. 210-219, jan./jul. 2011.

PALANGNA, Isilda C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotsky: a relevância social**. 6 ed. São Paulo: Summus, 2015.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France e LOUIS, Roland. Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. ***Psicologia da Educação*** [online]. 2005, n.20, pp. 31-54. ISSN 2175-3520.

SANCHES, Maria A. R. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis: Vozes ,2001.

SCHAEFER, Jéssica S. G. **Afetividade entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem**. Revista Eventos Pedagógicos. V. 6, n. 2, 15 ed., número regular, p. 142-151, jun./jul. 2015.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno**. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra P. A. **A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário**. Curitiba - PR, Educar em Revista. n. 38, p. 219-235, set./dez. 2010. Editora UFPR.